



O moderador do debate; Marina Brás, José Eduardo Alves e João Mota

Consequências das políticas dos EUA ainda não chegaram

O administrador da Void Software, João Mota, afirmou durante a conferência “Rota do Crescimento”, que decorreu no Teatro Miguel Franco, que a empresa não está a sentir os efeitos da “rigidez” das novas políticas económicas dos EUA, embora reconheça que, nos “últimos meses, têm acontecido coisas que não lhe passariam pela cabeça há um ano”. “Ainda não sentimos rigidez, também porque conseguimos sempre colocarmo-nos muito próximos do mercado norte-americano, não sendo imediatamente evidente que não estamos nos EUA. Nos contactos com os clientes americanos, ninguém pensa que está a lidar com estrangeiros”, explicou João Mota. Além disso, a Void Software constituiu, em janeiro, uma subsidiária no estado de Nova Iorque, “para ter alguma proximidade adicional”. “Portanto, aqueles que são mais fanáticos do produto nacional podem dizer que trabalham com uma empresa americana”, adiantou o administrador da tecnológica, destacando não saber “exatamente o que o futuro vai trazer”. “Tarifas e afins, muita coisa pode acontecer, mas, neste sector, o talento é escasso e isso pode proteger-nos um pouco, porque não terão grandes alternativas e, havendo tanto para fazer na área da tecnologia, não parece que, no imediato, haja um impacto negativo.” Mais difícil é concorrer pelo salário, porque contratam remotamente e, de repente, há em Leiria concorrentes que estão nos EUA a pagar salários em linha com os seus. No caso da Val do Sol, que exporta 40% da produção para os EUA, o presidente da empresa, José Eduardo Alves, refere que ainda não consegue “ter uma opinião formada”. “Mas é uma coisa que não me está a assustar, sinceramente. A cerâmica portuguesa já está sujeita a tarifas de importação e a valorização do dólar também compensa. Acho que temos é de ser mais eficientes”, explicou. A CEO da Frutóbidos, Marina Brás, referiu que a empresa começou por exportar para o Brasil, seguindo-se a Alemanha, Japão e Macau, que integram um conjunto de 15 mercados internacionais. “Obviamente, queremos crescer cada vez mais e sermos uma referência internacional, como somos a nível nacional”, concluiu.

Plásticos compensam quebra de 97% no resultado dos moldes

Instabilidade Um estudo económico revela que o Cluster Engineering & Tooling atravessa grandes desafios, sobretudo devido à instabilidade da indústria automóvel e da concorrência do Oriente

Carlos Ferreira

O resultado líquido das empresas da indústria portuguesa de moldes, associadas do Cluster Engineering & Tooling, caiu 97% no espaço de seis anos, em resultado da pandemia, da crise do sector automóvel e da concorrência “desleal” de países asiáticos.

Segundo o “Estudo Estatístico do Cluster Engineering & Tooling 2017-2022”, apesar do volume de negócios ter crescido 5,5%, para 421 milhões de euros (num total sectorial de 631 milhões), o resultado líquido do exercício desceu 97,8% em relação aos 27 milhões alcançados no início do período analisado.

O documento divulgado pelo Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos (Centimfe), em Leiria, na quarta-feira, dia 19, adianta que os resultados operacionais diminuíram 81,8% e o EBITDA [Lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização] reduziu-se em 46,4%. Os restantes indicadores também

apresentam resultados negativos, com exceção dos custos com o pessoal, que subiram 10%.

Na perspetiva do diretor-geral do Centimfe, Rui Tocha, a indústria de moldes, “que tem impactos muito significativos em todos os sectores, corre o risco de desaparecer da Europa, porque esta região vive um período de grande transformação” e as políticas da Comissão Europeia estão “completamente desajustadas”.

“A Europa está exposta de forma desigual para as empresas que nela operam e para as que estão fora da Europa, que entram em condições não regulamentadas, que ninguém sabe como vão ser regulamentadas e que põem em causa a competitividade das nossas empresas”, adiantou Rui Tocha, também diretor-geral da Pool-Net e que apresentou o estudo.

A área da sustentabilidade também levanta questões de concorrência. “A verdade é que as matérias-primas importadas vêm, na maioria, do Oriente. E ninguém mede a pegada de carbono desses produtos, em lado



As empresas do Cluster E&T, estão a enfrentar um desafio tremendo, com a contração do mercado automóvel, registando níveis de performance muito piores que os alcançados no período pré-pandémico”

Rui Tocha
Diretor-Geral do Centimfe

nenhum. E, portanto, estamos a ser completamente hipócritas do ponto de vista do desenvolvimento e do crescimento da economia europeia”, destacou Rui Tocha, que falava na conferência “Rota do Crescimento”, promovida pel

O Jornal Económico, com o apoio do REGIÃO DE LEIRIA.

Ao contrário da indústria de moldes, a área de plásticos – que também integra o cluster, bem como as ferramentas especiais – apresentou uma evolução positiva no período 2017-2022, embora os resultados operacionais tenham diminuído 0,7%.

O volume de negócios subiu 17,7%, para 392,8 milhões de euros, com o resultado líquido do exercício em 2022 a ser superior em 5,5% em comparação com o primeiro ano do período.

Neste contexto, o panorama global do Cluster Engineering & Tooling é positivo nos índices avaliados – porque os plásticos cobrem o desempenho negativo dos moldes –, com exceção dos resultados operacionais, que caíram 34,6%, para 79,8 milhões de euros. O valor líquido do exercício do cluster aumentou 15,1%, para 69,3 milhões, em 2022.

Na opinião de Rui Tocha, “os custos lá em cima e as receitas cá em baixo” no sector dos moldes são “um processo que se tem arrastado”, apesar do “tremendo esforço das empresas para continuar a reforçar as equipas, investir, entrar em novos mercados e novas cadeias de fornecimento”. No caso dos plásticos sofreram muito com o “pára arranca” das produções, que “ainda hoje acontece”.